

## **Movimentos Sociais do e no Ciberespaço: a prática educativa Black Bloc na cidade do Recife em setembro de 2013**

Almerinda Araújo da Silva<sup>1</sup>

Thamires Fernandes de Assunção<sup>2</sup>

Aurenéa Maria de Oliveira<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa a tática Black Bloc no campo urbano e no ciberespaço, durante a chamada Operação 7 de Setembro, ocorrida em 2013 na cidade do Recife, verificando se essa manifestação foi compreendida na perspectiva de construção de uma educação no sentido não formal. Desse modo, utilizou-se um questionário lançado na rede de publicações de páginas no Facebook e de entrevistas com adeptos da tática que, ao final, apontaram como resultado a identificação de processo educativo não formal na tática Black Bloc, à medida que ela buscou explicitar e agregar aos sujeitos conscientização política de demandas da sociedade, embora tenha levantando na população questionamentos quanto às práticas utilizadas pelo movimento consideradas violentas.

**Palavras-chave:** Black Bloc; Ciberativismo; Educação Não-formal;

### **1. Introdução**

De modo geral, os Movimentos Sociais podem se configurar em grupos/ações que buscam proporcionar, a partir de práticas sociopolíticas e culturais, um caráter crítico na luta contra a dominação social. Nesta perspectiva, eles podem ter como um de seus fins o desenvolvimento de uma educação que esboce olhares diferenciados, no que diz respeito à construção de novos atores sociais que se reconheçam enquanto sujeitos questionadores da sociedade e das políticas públicas nas quais estão inseridos.

Dessa forma, tais movimentos e atores são mutáveis, pois se caracterizam de acordo com o tempo e o espaço, abstraindo possíveis novas concepções de contextos. Assim, por exemplo, a luta dos trabalhadores operários que ganhou destaque nos anos 30 com a crise do modelo fordista/taylorista de acúmulo do capital não permaneceu a mesma após a transição para o capital flexível adotada

---

<sup>1</sup> Concluinte de Pedagogia - Centro de Educação – UFPE. almerinda.araujosilva@gmail.com

<sup>2</sup> Concluinte de Pedagogia - Centro de Educação – UFPE. thamiresf.assuncao@gmail.com

<sup>3</sup> Professora Adjunta III da UFPE, Centro de Educação, Departamento de Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação. aurenea@hotmail.com

pela vertente toyotista, tendo em vista que as transformações históricas trouxeram consigo novos fatores que revelaram outros formatos e bandeiras.

Levando em consideração as mudanças da sociedade e as revoltas populares que ganharam ênfase no Brasil em junho de 2013 - conhecidas como as Jornadas de Junho - vimos, no cenário brasileiro, a ocupação dos espaços urbanos estimulada previamente pela articulação política organizacional que se fez no ciberespaço. Por meio das redes sociais, a internet tornou-se um importante instrumento na divulgação e propagação de ideologias e novos olhares, tornando-se, igualmente, campo de combate e denúncia que se denominou informações manipuladas pelas mídias tradicionais. Assim, o ambiente virtual, entre outras funções, adotou a de ser o abrigo de vozes ditas silenciadas e descontentes socialmente.

Indo de encontro ao que se esperava, os vários protestos, que tiveram maior destaque a partir de junho de 2013 nas cidades brasileiras, não se caracterizaram como instantâneos e com prazo de validade curto, pois suas influências desencadearam uma série de mobilizações nos meses seguintes, com manifestações ocorrendo no mês da independência do Brasil. Entre organizações, cidadãos partidários e apaidados, estavam presentes nestas os Black Blocs (BB) - caracterizados como grupos que têm por base os ideais anarquistas.

Em Recife, palco das discussões contidas nesta pesquisa, o mês de setembro tornou-se o momento ideal para levar às ruas o descontentamento dos Movimentos Populares favoráveis à implantação do Passe Livre e contrários à repressão policial do governo Eduardo Campos. A atuação dos que se denominaram “linha de frente dos Movimentos Sociais” tornou-se bastante presente, sendo esta organizada previamente nos diversos fóruns e convocações nas redes sociais, em especial no Facebook.

Encarando os Movimentos Sociais no ciberespaço como um fenômeno recente e a tática Black Bloc como uma das mais atuantes neste processo, acreditamos ser pertinente o estudo dos impactos sociais/educacionais que esta nova geração de ativistas vem causando.

Partindo de tais considerações, nos vimos estimuladas a estudar e refletir sobre os impactos deste fenômeno por se tratar de algo novo e ainda pouco abordado academicamente, encarando como relevante o reconhecimento dos Movimentos Sociais enquanto instrumentos de mudança e abstração de possíveis

novos conceitos próprios da sociedade, concebendo a tática Black Bloc como compondo a dualidade entre o ativismo urbano e o ciberativismo, interligando os fatores relacionados com a educação, entendida aqui como base da (re) construção da crítica social. Vale ressaltar, também, a importância da contribuição na expansão do sentido do que, de fato, entendemos por práticas educativas, visto que o estudo dos Movimentos Sociais é pouco abordado no curso de Pedagogia da UFPE, com os processos de aprendizagens presentes neles, entretanto, não aprofundados nesta área.

Por se tratar de uma temática recente, foi difícil encontrar estudos e pesquisas acadêmicas abordando o assunto; assim, das buscas feitas, apenas os trabalhos de Passos (2014) e Carreiro (2014) chegaram próximos à nossa temática. Nesse aspecto, o primeiro autor nos auxiliou no trato da atuação Black Bloc na Operação 7 de Setembro das principais capitais brasileiras, enquanto o segundo foi relevante para a compreensão da identidade dos sujeitos, utilizando mecanismos de ativismos no Facebook.

Vale ressaltar que os estudos encontrados nos ajudaram em casos específicos na relação educação, Black Blocs e ciberespaço, cabendo a nós fazermos as principais ligações através dos autores pertinentes aos temas e utilizados como base das discussões teóricas: Gohn (2010; 2011; 2014); Jacobi (1989); Dupuis-Déri (2014); Castells (1999; 2003; 2013) e Levy (1999).

Diante disso, levantamos duas problemáticas que nos servem de apoio à pesquisa:

- A ação direta dos “Black Blocs” na linha de frente dos Movimentos Sociais do e no ciberespaço constituiu-se enquanto ação reflexiva e, conseqüentemente, prática educativa?
- Qual a percepção da população de Pernambuco e dos integrantes dos Black Blocs acerca de suas ações concernentes ao caráter político e sociopedagógico delas?

Nessa óptica, o objetivo geral do presente trabalho foi o de analisar as práticas e táticas dos Black Blocs no campo urbano e no ciberespaço, durante a chamada Operação 7 de Setembro, fazendo um levantamento de suas principais ações e verificando se estas podem ser compreendidas pela população que usa o

ciberespaço na perspectiva de construção de uma educação que comunga do sentido não formal - definida por Gohn (2010) como sendo aquela que capacita os indivíduos a tornarem-se cidadãos do mundo e no mundo através de relações sociais e processos interativos vivenciados fora do ambiente escolar, uma vez que todo processo de interação independe de espaços específicos (GOHN, 2010).

Tendo por objetivo específico traçar os principais significados e atribuições da Operação 7 de Setembro realizada pelos Black Blocs aqui em Recife, buscamos com isso entender a concepção da população sobre educação nos Movimentos Sociais, criando um perfil do sentido sociopolítico, de acordo com a opinião de não adeptos e de adeptos deste movimento, para assim entender em quais aspectos as atuações realizadas no ciberespaço contribuíram ou não na (re) construção de uma consciência política cidadã.

## **2. Discussão Teórica**

A junção do neoliberalismo ao avanço tecnológico aliado ao processo da globalização promoveu a alteração no cenário das mobilizações urbanas, já que muitas destas agora vão se concentrar no espaço virtual (internet) através dos modernos aparelhos eletrônicos que, na contemporaneidade, entre outros usos, se tornam também instrumentos favoráveis à transmissão de informação e conhecimento.

Desse modo, o cidadão comum passou a registrar em seus celulares, tablets, câmeras, filmadoras etc. denúncias de irregularidades da vida social, resquícios de políticas públicas falhas e desiguais, tornando-se ele mesmo numa espécie de crítico social, o que redundava em uma nova modalidade de ativismo, o chamado “ciberativismo” - termo que denomina os diversos grupos com propósitos políticos na disseminação de informações e troca de experiências coletivas através da rede ou das redes. Assim, para Lévy (1999):

... a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes (LÉVY, 1999. p.123).

Percebe-se que, com o uso da internet no campo do ativismo, muda-se o próprio sentido atribuído às configurações dos Movimentos Sociais na atualidade

vistos de forma dúbia como movimentos do ciberespaço, considerando que surgem dentro do espaço virtual e/ou da rede, podendo expandir-se e gerar força como movimentos urbanos e como forma de divulgação, atingindo um número maior de adeptos e ou simpatizantes. Em ambos os casos, tanto como movimentos sociais no e do ciberespaço, há uma troca significativa e em tempo real fazendo jus ao termo movimento como se fosse uma constante abstração de possíveis novas concepções do espaço físico e virtual (CASTELLS, 2013).

Sendo um dos primeiros a dialogar com o ativismo do e no ciberespaço do Black Bloc, Dupuis-Déri (2014) contribui para esse debate, sobretudo por trabalhar com as movimentações do BB que tiveram maior visibilidade a partir de 1970, como linha de frente das manifestações trabalhistas na Alemanha. Contudo, diferenciando-se nas atuações urbanas, os Black Blocs se configuram enquanto tática de atuação direta durante manifestações nas ruas, fazendo uso da internet como forma constante de convocação e propagação de sua identidade (DUPUIS-DÉRI, 2014). Segundo o autor, os adeptos da tática:

... chamaram atenção e se constituíram como um grupo político distinto, em parte graças a seu visual único, mas também porque foram associados de forma relativamente indiscriminada à anarquia e à irracionalidade destruidora (DUPUIS-DÉRI, 2014, P.18).

Nos dias atuais é impossível pensar em espaço limitando-se apenas ao geográfico (físico). A internet, além de compor uma nova modalidade espacial, também atua enquanto espaço de disputa política, visto que compartilha opiniões de diversas camadas da sociedade, promovendo, entre outros fatores, formação de novos ideais, tornando-se propícia não somente à reprodução, mas, também, à abstração de possíveis novas concepções/(re)construção de conhecimentos, algo próximo, até certo ponto, às práticas educativas realizadas nos ambientes físicos escolarizáveis que correspondem igualmente a interesses sociopolíticos/educacionais.

Para Jacobi (1989), os Movimentos Sociais buscam, através da educação política, uma reafirmação da identidade dos indivíduos a partir de demandas e interesses ignorados da sociedade civil pelo estado (JACOBI, 1989). Tal educação, que independe dos espaços escolarizáveis, é conhecida e caracterizada enquanto não formal.

Auxiliando-nos na compreensão das discussões deste campo educacional, Gohn (2011) nos afirma que:

A importância da educação não formal está na possibilidade de criação de novos conhecimentos, ou seja, a criatividade humana passa pela educação não formal. O agir comunicativo dos indivíduos, voltado para o entendimento dos fatos e fenômenos sociais cotidianos, baseia-se em convicções práticas, muitas delas advindas da moral, elaboradas a partir das experiências anteriores... (GOHN, 2011, P. 112).

Educação, portanto, nesse texto, é caracterizada a partir de processos de interação entre os indivíduos e suas trocas de vivências, no aguçar crítico das pessoas que surge a partir de questionamentos cotidianos, possibilitando a criação de novos conhecimentos.

### **3. Metodologia**

Para a realização desta pesquisa foi escolhido o método quanti-qualitativo com o intuito de buscarmos entender até que ponto as manifestações, ocorridas em setembro de 2013 na capital pernambucana, foram entendidas como críticas pela população que frequenta o ciberespaço, e se elas foram também fruto de consciência política cidadã dos manifestantes delas participantes. Igualmente, procuramos examinar como se deu seu desenvolvimento no ciberespaço - lugar de grande divulgação e construção da organização dos protestos e campo empírico escolhido para construção do presente trabalho.

Para o processo de coleta de dados, foram utilizados como instrumentos: a aplicação de um questionário criado no aplicativo “Google Forms”, postagens de páginas da rede social Facebook, entrevistas (*inbox* e via E-mail). A escolha dos mecanismos utilizados deu-se pela importância atribuída às novas tecnologias e ao levantamento acerca da relevância das boas formas de usos que podem surgir através delas.

Seguindo esta lógica, nossa metodologia foi dividida em duas etapas: a primeira teve como base a análise das respostas recolhidas através do questionário produzido no “Google Forms”, divulgado e exposto ao conhecimento público através do processo de compartilhamento do Facebook no dia 01 de março de 2015, tendo como objetivo o levantamento das opiniões acerca da Operação 7 de Setembro, educação e Black Bloc, expostas em tabelas, exibindo as palavras sinônimas mais

mencionadas nas respostas coletadas que foram divididas em três eixos: Movimentos Sociais Urbanos, educação e Black Bloc.

Participaram desta primeira etapa internautas, preferencialmente residentes na cidade do Recife, que, durante o período de setembro e outubro de 2013, possivelmente presenciaram, em algum momento de suas trajetórias diárias, os movimentos realizados durante e após a Operação 7 de Setembro. O questionário de pesquisa pode ser ainda encontrado na rede<sup>4</sup>.

Como critério de escolha das respostas a serem utilizadas nesta pesquisa, foi previsto um prazo de trinta dias para coleta do que se seria analisado, chegando ao dia 30 de março de 2015 com um quantitativo de 30 respostas.

A segunda etapa foi subdividida em duas fases. Assim, a fim de buscar entender a dimensão das manifestações no ciberespaço a partir da visão dos Black Blocs, escolhemos a rede social Facebook, pois reflete a preferência dos adeptos da tática em propagar suas ideias, por ser uma rede social caracterizada pelo dinamismo, rapidez nas informações e popularidade.

A primeira fase consistiu em analisar publicações de três páginas ligadas ao Black Blocs e que mencionam a atuação dos sujeitos durante o mês de setembro na cidade do Recife. Inicialmente, foi feito um levantamento das principais páginas Black Blocs no estado de Pernambuco, incluindo, como critério, os maiores números de seguidores. Após identificação das páginas mais ativas, o processo de escolha das três páginas utilizadas contou com o levantamento do maior número de conteúdos produzidos em setembro de 2013.

Ao final do processo, foram escolhidas as páginas: Black Bloc PE<sup>5</sup> - quantitativo de 3.859 seguidores alcançados, 11 postagens no período de 01 a 30 de setembro; Black bloc recife [sic]<sup>6</sup> - 117 seguidores, 39 postagens no período de 02 a 23 de setembro; Black Bloc Recife<sup>7</sup> - 725 seguidores, 29 postagens de 01 a 29 de setembro. Com o levantamento das postagens no período proposto, foi feita uma triagem nos conteúdos das postagens tendo como critério o maior número de curtidas, comentários e compartilhamentos, com a intenção de perceber em quais aspectos os conteúdos produzidos atingiram maior número de interesse.

---

<sup>4</sup> Através do endereço: [https://docs.google.com/forms/d/1JrylvWCe1O\\_pZI-gzW-TZBRKZSpHMLw-Dxmwbo4uXZI/viewform](https://docs.google.com/forms/d/1JrylvWCe1O_pZI-gzW-TZBRKZSpHMLw-Dxmwbo4uXZI/viewform).

<sup>5</sup> <https://facebook.com/BlackBlocPE1>.

<sup>6</sup> <https://facebook.com/blackbloc3>.

<sup>7</sup> <https://facebook.com/bbrecife>.

A segunda fase desta etapa contou com três entrevistas realizadas em tempo real através de e-mails e mensagens inbox no Facebook com integrantes da tática Black Bloc responsáveis pela administração e manutenção de algumas páginas do Facebook ligadas ao movimento atuante em Pernambuco. Os meios utilizados para a realização das entrevistas seguiram as normas de anonimato e segurança estabelecidas pelos participantes que não deram permissão para a divulgação de seus pseudônimos<sup>8</sup> nem a citação dos nomes das páginas envolvidas no processo. Dessa forma, o levantamento da visão do próprio sujeito da pesquisa trouxe informações relevantes através da concepção deste de acordo com as categorias previamente estabelecidas: política, identidade, processo educativo e ciberativismo.

O processo de pesquisa fez uso do método de Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2009), passando pelas etapas de: pré-análise - definição do campus; formulação das principais questões a serem exploradas; teste piloto das técnicas; levantamento bibliográfico; exploração do material – adequação das técnicas utilizadas; reformulação das categorias e objetivos; resultados e observações – reunião objetiva dos dados obtidos ao longo da pesquisa e suas devidas interpretações (BARDIN, 2009, P.121).

#### **4. Análise dos Dados**

##### **4.1 Perfil dos Participantes**

Buscar entender uma porcentagem da população pernambucana, mesmo que mínima, é tentar conhecer de que forma o senso comum analisa a Operação 7 de Setembro em Recife e até que ponto os Movimentos Sociais da época atingiram seus ideais. Perceber os meios pelos quais a opinião pública é formada e forma faz-se de extrema relevância em um processo de construção da identidade das lutas sociais.

Identificou-se, a partir dos dados obtidos no questionário, que, dos 30 participantes envolvidos, 63,3% (19) correspondem ao sexo masculino, 53,4% (16) atingiram os graus de escolaridade do Ensino Médio e Ensino Superior completo e

---

<sup>8</sup> Cada página pode contar com mais de um administrador, o pseudônimo serve como espécie de assinatura ou marca registrada de quem produz a informação. Desta forma, embora não haja identificação real do autor, fica mais fácil verificar o grupo que produziu o respectivo conteúdo na rede.



14 participantes, equivalentes a 46,6%, por motivos de desistência e/ou andamento do curso, encontraram-se na categoria Ensino Superior incompleto. Do total dos participantes, 80,1% (24) situaram-se na faixa etária de 20 a 50 anos, e apenas 19,9% (6) com idade entre 17 e 19 anos.

Analisar a disparidade da idade dos participantes nos auxiliou na reflexão sobre a desmistificação do pensamento de que apenas a geração que nasceu junto com o crescimento tecnológico o utiliza de modo mais constante, visto que, em contrapartida, a geração anterior à cultura globalizada não usaria as redes, devido a certa dificuldade em utilizar tais instrumentos. No entanto, uma nova leitura da relação sociedade e informação por meio das redes e seus indivíduos fez notar que vem ocorrendo uma crescente participação de jovens e adultos em questionamentos e debates políticos, uma vez que a internet é, hoje, um dos maiores campos produtores da temática, possibilitando aos indivíduos serem mais opinantes e engajados, alterando a percepção - sobretudo do jovem - como sendo de um desinteressado politicamente.

Na era da comunicação e da tecnologia, o uso da internet para a informação vem se tornando cada vez mais constante (CASTELLS, 2013). Analisando o perfil dos participantes no nosso campo específico, constatamos que, das 30 (trinta) pessoas que responderam ao questionário, 70% utiliza a internet como principal fonte de informação<sup>9</sup>.

A praticidade proporcionada com o uso da internet no ciberespaço permite um dinamismo maior com a informação a ser levantada e isso, nos dias atuais, aguça o interesse nas pessoas; vale ressaltar, todavia, que ainda há uma contestação quanto aos meios onde são encontradas as informações e a veracidade destas, pois 73,04% dos participantes dizem confiar pouco nas notícias compartilhadas nas redes sociais e 61,0% atinge um grau médio de confiabilidade em relação à mídia tradicional<sup>10</sup>.

É notável, através da fala dos participantes, um paradoxo quanto ao nível de confiança sobre a mídia tradicional porque a maioria ainda associa tradicionalismo

---

<sup>9</sup> Para a opção, principal fonte de informação, além da internet, foram dados três campos: Rádio (0%), TV (23,03%) e mídias impressas (6,07%);

<sup>10</sup> No campo confiança nas redes sociais, além da opção "pouco", estavam presentes: sim (3,03%), não (3,03%) e depende da fonte (20%); no quesito confiabilidade na mídia tradicional, além da opção escolhida (médio) foram dadas como escolha: muito (6,07%), pouco (16,07%) e não confio (13,03%).

midiático aos jornais impressos, periódicos e telejornais, desconsiderando suas respectivas versões online.

Para entender melhor a situação, Buckingham (2012) nos traz a diferença entre mídia 1.0 e mídia 2.0. Enquanto a primeira é caracterizada pelos meios de comunicação, impressos, televisivos e radiodifusores - que apenas tornam os sujeitos receptores de informações -, a segunda nos traz um dinamismo e participação mais aberta, havendo assim uma troca de discussão dos conhecimentos e informações abordados (BUCKINGHAM, 2012). Nesse aspecto, 70% dos participantes de nossa pesquisa, que utilizam a internet como principal fonte de informação, continuam recebendo as notícias da mídia conservadora apenas transformada na versão Web, acreditando que, por ser vinculada na internet, há uma modificação quanto ao próprio conteúdo.

No entanto, a internet e as redes sociais, entre outras formas de uso, exercem papel fundamental na construção do ser participativo, dialógico, que pesquisa e debate. Entender como os populares encaram o campo da pesquisa nos ajuda a perceber até que ponto a internet, por meio do ciberespaço, auxilia na construção de um pensamento em relação às denúncias sociais e protestos mencionados nas informações espalhadas pela rede.

Como afirma Castells (2003), esperava-se que a internet fosse um instrumento para promover a democracia – e ainda se espera. Com a mudança do cenário da sociedade e do próprio sentido político, diferentes atores sociais percebem a necessidade de lutar pelos seus objetivos, abrindo novas ações no espaço social e cultural (CASTELLS, 2003, p. 128).

Na conjuntura brasileira atual dos Movimentos Sociais, agregados agora à internet, o ano de 2013 foi marcado por várias mobilizações, com pautas diversas, envolvendo diversos atores sociais em manifestações de ruas e também no ciberespaço.

## **4.2 Movimentos Sociais Urbanos e Educação não Formal**

Como já exposto, para Jacobi (1989), os Movimentos Sociais urbanos são agentes intermediadores na relação entre o estado e a sociedade civil que buscam dar voz às demandas desta que são comumente silenciadas e oprimidas por aquele (JACOBI, 1989).

Um dos questionamentos a respeito das manifestações de rua e atuantes em rede foi sobre o seu alcance educacional. Segundo Gohn (2010), o processo educativo dos Movimentos Sociais ocorre por meio da busca de explicitação e agregação dos sujeitos à noção de seus direitos e conscientização política das demandas da sociedade (GOHN, 2010).

A educação se apresenta assim, nos movimentos, como um processo de humanização desses sujeitos que lutam pelos seus direitos. Humanização porque perante a sociedade não são vistos como sujeitos pensantes e de direitos. A respeito deste processo educativo, Gohn (2010) afirma que sua “(...) finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais” (GOHN, 2010, p. 19). Reitera-se dessa maneira que a educação não formal se caracteriza e se finda a partir de processos de interação entre os indivíduos e a troca de vivências.

Utilizando a linha das palavras idênticas ou sinônimas, proposta por Bardin (2009), que analisa as palavras substantivas, adjetivas e expressões que se assemelham entre si na sua “Análise de Conteúdo” (BARDIN, 2009, p. 54), foi possível traçar, na primeira etapa da pesquisa, um apanhado geral do pensamento popular em cima de três eixos exemplificados nos quadros 1, 2 e 3, respectivamente, direcionados às temáticas: Movimentos Sociais Urbanos, entendimento sobre os sujeitos da pesquisa e práticas educativas dos movimentos coletivos.

Através da opinião dos entrevistados sobre os impactos das manifestações nas ruas da Operação 7 de Setembro, foi possível entender o conceito que possuem de Movimentos Sociais urbanos, como mostra a quadro 1.<sup>11</sup>

#### **Quadro 1: Movimento Social urbano**

| <b>Pergunta</b>   | <b>Palavra/Resposta</b>         | <b>Percentual</b> |
|---|---------------------------------|-------------------|
| <b>Na sua concepção, qual a finalidade das movimentações que ocorreram neste período?</b> | Levante/Mudança                 | 73,3%             |
| <b>Quem foram os principais participantes das mobilizações deste período?</b>             | População/Jovens/<br>Estudantes | 86,6%             |
| <b>Você foi as movimentações? Por quê?</b>  | Não/violência                   | 76,6%             |

<sup>11</sup> As outras respostas obtidas seguindo a ordem do quadro foram: fim da corrupção (4), nenhuma (2) e estratégia da oposição (2). Black Bloc (2) e partido da oposição (2). Sim, acreditar em uma mudança (7). Contra (8) e nenhum (3).

|  |       |     |
|--|-------|-----|
| <b>Qual foi o papel/ função da polícia nessas movimentações de Setembro de 2013 em Recife?</b> | Ordem | 60% |
|--|-------|-----|

As palavras mais frequentes atribuídas pelos entrevistados ao significado, finalidade e modo de participação na Operação 7 de Setembro indicam uma visão, até certo ponto, dentro dos limites da metodologia da Análise de Conteúdo utilizada, atrelada à insatisfação política, tendo em vista que a palavra mudança aqui se relaciona, sobretudo, com a percepção da não prestação devida de serviços pelo estado à população.

Desse modo 86,6% dos internautas associaram as manifestações à participação direta de jovens, estudantes universitários e da população como um todo, cada um trazendo sua bandeira de luta, expressando a ideia de que os "... movimentos sociais são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais" (GOHN, 2010, p. 44). Neste sentido, apenas duas pessoas mencionaram que a tática Black Bloc fora ligada a um grupo de estudantes baderneiros.

Apesar de quase 80% dos que responderam ao questionário considerarem-se simpatizantes dos Movimentos Sociais, uma porcentagem bastante semelhante a essa, alega, todavia, não participar das manifestações devido à violência, segundo eles, bastante comum nos atos urbanos. Isso pode ser evidenciado por meio da função da polícia e do governo ao tentar estabelecer a ordem.

Nesse diapasão, os números levantados apontam para uma maioria que se diz favorável à ação da polícia, surgindo comumente nas falas a concepção da repressão policial como justificativa para uma espécie de função pública desse órgão em manter a ordem contra baderneiros, que são associados a pessoas sem falta de propósitos políticos e educação. Observa-se que essa violência temida não vem por parte da atuação dos policiais, mas, sim, dos manifestantes, ligados à ideia de "arruaça". Essa visão é reforçada quando se é abordado o sujeito de pesquisa Black Bloc como perigoso. Questionados mais adiante acerca do que é educação e se há/houve processo educativo nos Movimentos Sociais e nas manifestações da

Operação 7 de Setembro, as respostas dos entrevistados são expostas na quadro 2<sup>12</sup>:

**Quadro 2: Educação**

| Pergunta  | Palavra/Resposta              | Percentual |
|---|-------------------------------|------------|
| <b>Movimentos Sociais podem contribuir no processo educativo?</b> | Sim/Reflexão                  | 70%        |
| <b>O que você entende por educação e qual sua importância?</b>    | Base/Certo                    | 66,6%      |
| <b>O que é política e qual a sua importância?</b>                 | Organização/<br>Administração | 56,6%      |

Sobre o fato dos Movimentos Sociais contribuírem para o processo educativo, os participantes atribuíram importância à reflexão que eles proporcionam sobre a cidadania. No que se refere aos meios pelos quais essa reflexão/educação chega a seus fins, afirmam que ela é a base de tudo, associando sua relevância à capacidade de distinção entre o que é certo e errado.

Devemos frisar na fala dos participantes a ligação direta da reflexão/educação com a formação do caráter e da moral. Em uma explicação breve, buscando o significado das palavras no dicionário Aurélio Ferreira (2004), percebe-se que o sentido de moral deságua na condição dos costumes, usos e regras que exprimem valores sociais - algo não muito distante do caráter que, por sua vez, caracteriza-se enquanto modo de agir (FERREIRA, 2004).

A cidadania aqui está acompanhada da ideia de um agir corretamente, a partir das regras da sociedade, sendo um bom ser social, mas se esquece de que, como nos afirma Ribeiro (2002): "... a educação voltada para a construção de uma cidadania ativa é aquela em que os cidadãos participam das decisões políticas que os afetam" (RIBEIRO, 2002, p. 115). Em linhas gerais, tornar-se cidadão é estar mobilizado na construção da sociedade que faz parte, pensando meios de melhoria que afetem todos os âmbitos sociais, cobrando-as também dos governantes, uma vez que o próprio povo os elegeu como seus representantes.

Na visão dos participantes entrevistados, os Movimentos Sociais contribuem como base de uma reflexão acerca dos problemas socioeconômicos, enquanto que

<sup>12</sup> As outras respostas obtidas seguindo a ordem do quadro foram: Não (5), dúvida sobre o tipo de educação (2), em branco (1) e não opinou (1). Aquisição de conhecimento (7), barbárie (1), manipulação (1) e em branco (1). Não sabe (6), referência ao Brasil (6) e em branco (1).

a noção de política é mais comparada aos processos de organização e administração, em regra, associada à figura de uma liderança (governo) agindo em prol da população, sem atuação desta na resolução de seus problemas. Percebe-se assim uma imagem muitas vezes ingênua e ligada à dependência dos participantes quanto à ação dos líderes políticos, vistos como salvadores da pátria.

A postura dos manifestantes, muitas vezes, é má vista por causar reflexões sobre o fim dos partidos e de um modelo de estado em um meio que acredita que o bem-estar social deve ser promovido pelas instituições políticas. Percebe-se, dessa maneira, que a legitimidade dos Movimentos Sociais, na visão dos populares, ainda está atrelada a uma concepção mais pacifista e não anarquista de manifestações, pois a política está ligada à noção de controle e ordem. Isto ficou evidenciado nas respostas dos internautas, para eles, quem são os Black Blocs. As palavras sinônimas seguem no quadro abaixo<sup>13</sup>:

**Quadro 3: Quem são os Black Blocs?**

| <b>Pergunta</b>   | <b>Palavra/Resposta</b>           | <b>Percentual</b> |
|---|-----------------------------------|-------------------|
| <b>Você sabe quem são os Black Blocs?</b>                         | Não sei/Baderneiros e Anarquistas | 53,3%             |
| <b>Qual foi o papel/função dos Black Blocs nas manifestações?</b> | Depredar/Destruir                 | 53,3%             |

Diante do exposto, podemos depreender que este grupo foi julgado, sem maiores aprofundamentos, com base no que as redes de televisão noticiavam sobre eles, denominando-os de pessoas sem propósitos políticos, promotores da desordem, depredação e destruição. A respeito da associação anarquismo e destruição, Woodcock (2002) menciona o seguinte:

Não raro o anarquismo é erroneamente equiparado ao niilismo e ao terrorismo e a maioria dos dicionários apresenta pelo menos duas definições de anarquista. A primeira o descreve como um homem que acredita ser preciso que o governo morra para que a liberdade possa viver. A outra vê nele um mero produtor da desordem, que não oferece nada para colocar no lugar da ordem que destruiu. Essa última concepção é a mais aceita pela opinião pública. O estereótipo do anarquista é o assassino a sangue-frio, que ataca com punhais e bombas os pilares simbólicos da sociedade estabelecida. Na linguagem popular, anarquia é sinônimo de caos (WOODCOCK, 2002, p. 8).

<sup>13</sup> As outras respostas obtidas seguindo a ordem do quadro foram: não sabe (11), sem finalidade (2) e líderes (1). Não sabe (12) e foi importante (2).

A palavra violência fora bastante associada ao Black Bloc, rendendo espaço e divulgação da mídia que, ao abordar a figura dos mesmos, ocultou informações relevantes quanto ao seu caráter e propósitos principais. Trazendo para a realidade local, encontramos em uma publicação do Diário de Pernambuco o seguinte:

“Não somos um grupo. Não temos líderes. Somos horizontais.” É assim que os Black Blocs se identificam na página do movimento no Facebook. Com mais de 1,3 mil seguidores na rede social, a fan page é usada para divulgar e ensinar os métodos de protesto violento (Diário de Pernambuco, 23/08/2013, seção vida urbana, versão on line).

Desse modo, dias antes da operação 7 de Setembro ocorrer, os jornais e mídias locais já tratavam de noticiar informações a respeito dos seus “convocadores”, comentando a estratégia adotada pelos Black Blocs no que diz respeito à postura de tática, adjetivando-os como grupo de práticas violentas.

As intenções midiáticas são políticas e propositais, como no caso da publicação acima do Diário de Pernambuco; essas noções, difundidas por certos meios de comunicação, repercutem ainda mais devido ao contexto semântico da palavra anarquista, modificado historicamente por relações socioculturais, não menos intencionais, como mencionado nas palavras de Woodcock acima (2002).

Sendo assim, é importante repensar o papel dessas mídias mais tradicionais na formação da opinião pública, pois elas, não raramente, deixam de investigar em profundidade os propósitos sociais que as mobilizações buscam. Nota-se que as ações exercidas pelos Movimentos Sociais estão trazendo resultados para uma mudança de pensamento (ao menos em caráter de reflexão). Seja tal reflexão positiva ou não para a aceitação dos mesmos, o que se lamenta é que percepções sobre suas ações sejam analisadas e construídas sobremaneira por meio de informações massificadas por esses órgãos da imprensa que não examinam, especificamente no caso aqui pesquisado, a constituição dos Black Blocs por múltiplos ângulos.

### **4.3 Movimentos Sociais no Ciberespaço: Operação 7 de Setembro e tática Black Bloc**

As manifestações no ano de 2013 no Brasil se fizeram presentes nas ruas e no ciberespaço, termo que, segundo Pierre Lévy (1999), caracteriza-se enquanto o

novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, especificando não apenas a estrutura material da comunicação digital, mas também o vasto universo de informações que ele abriga (LÉVY, 1999, p. 17).

A dinâmica da internet, das redes sociais - especificamente o Facebook - possibilitou maior visibilidade, repercussão e firmamento das manifestações nas ruas e na rede, configurando-se estes instrumentos, como afirma Castells (2013), em novos mecanismos de mobilização que ocorrem a partir da interação nas redes de comunicação de forma descentralizada (CASTELLS, 2013, p.159). Esta nova modalidade de organização ganhou destaque no Brasil com as chamadas jornadas de junho, que surgiram a partir do desencantamento e indignação contra a conjuntura ético-política dos dirigentes do país (GOHN, 2014, p.13).

A onda de indignação popular, que teve como ponto de partida o aumento da tarifa dos transportes públicos em diversas capitais brasileiras, contou com a presença de uma pluralidade de pessoas pertencentes a classes sociais e Movimentos Sociais distintos, articulados, inicialmente, aos/pelos movimentos estudantis. Ao longo das mobilizações, outras bandeiras de lutas foram sendo levadas em conta como a do Movimento Passe Livre (MPL) e outras causas, denúncias e atores sociais. Entre eles, os Black Blocs e sua tática foram sendo incorporadas. Por Black Blocs, Dupuis-Déri (2014) entende que são:

... agrupamentos pontais de indivíduos ou grupo de pessoas formados durante uma manifestação. A expressão designa uma forma específica de ação coletiva, uma tática que consiste em formar um bloco em movimento no qual as pessoas preservam seu anonimato, graças em parte, às máscaras e roupas pretas. ... o principal objetivo de um Black Bloc é indiciar a presença de uma crítica radical ao sistema econômico e político (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.10).

Em Pernambuco, a tática Black Bloc teve maior atuação e visibilidade após a Operação 7 de Setembro no ano de 2013 (OP7) - movimento de cunho nacional convocado pelo *Anonymous*<sup>14</sup> nas redes sociais através de pautas que variavam de cobranças e pedidos de justiça aos casos de “mensalão”, denúncias acerca das remoções de famílias residentes em comunidades localizadas em pontos cobiçados

---

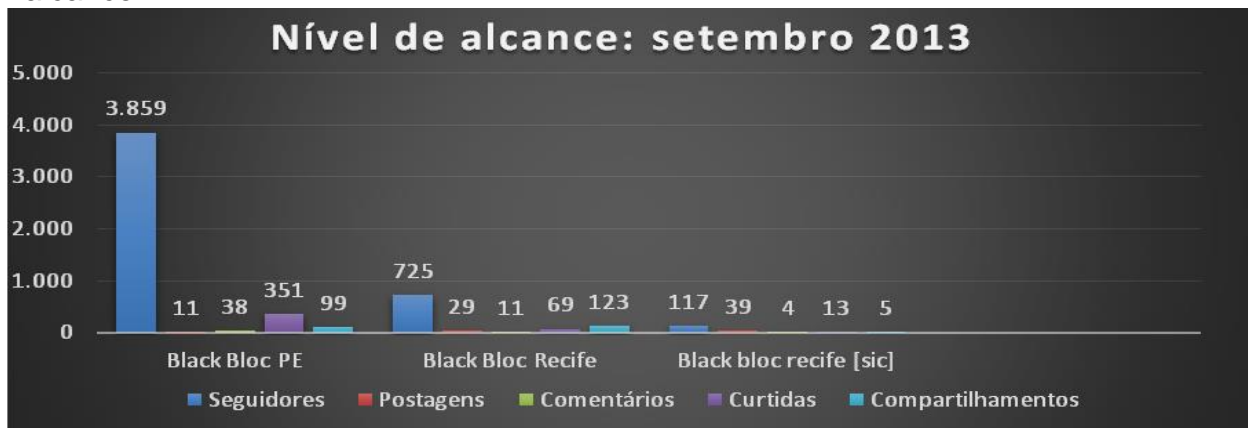
<sup>14</sup> Coletivo ligado ao “hacktivismo” (promoção de ideologias políticas através da invasão e vazamento de informações confidenciais na internet que dizem respeito aos interesses sociais) que tem como principais objetivos: a liberdade de expressão e o uso sem censura da internet. Por se tratar de uma ideia e não um movimento, os adeptos do Anonymous ficaram conhecidos pela preservação da identidade com o uso da máscara do *Guy Fawkes*, popularmente conhecida pelo personagem “V” do filme “V de Vingança” (Anonymous Brasil, 2013).



por empreiteiras e gastos desnecessários em construções da copa (Anonymous Brasil, 2013).

Os Black Blocs, na OP7 que mobilizou a cidade do Recife, executaram um papel primordial, tanto no meio urbano, atuando enquanto “linha de frente” dos Movimentos Sociais, quanto no ciberespaço, propagando denúncias contra o governo Eduardo Campos e a forma, segundo eles, repressora de agir contra os manifestantes. A respeito de sua atuação na rede para as mobilizações, o Facebook foi um instrumento de importante escolha, uma vez que segue uma estrutura que permite maior interação e alcance.

Seguindo esta linha de importância, foram analisadas três páginas, levando em consideração as observações das postagens e a importância dos quantitativos relacionados a cada uma, como mostra o gráfico abaixo<sup>15</sup> referente ao nível de alcance:



Fonte: Elaboração das autoras

Os seguidores, mencionados no gráfico, caracterizam-se enquanto receptores diretos. São pessoas que se identificaram espontaneamente pelos ideais da tática e que, a cada acesso à rede social, visualizam todo o conteúdo (re) produzido pelas páginas. Seguindo uma linha decrescente, nos deparamos com a página Black Bloc PE com o maior número de receptores diretos seguida das páginas Black Bloc Recife e Black bloc recife [sic] com menor número.

Por ser tratar de um campo de livre acesso, qualquer pessoa pôde interagir mesmo que não fosse um receptor diretamente em concordância com a ideologia em questão. O impacto das informações exemplifica as opções ligadas às curtidas e

<sup>15</sup> Os números expostos tornam explícitos os quantitativos levantados no momento da coleta de dados, porém, vale ressaltar que por se tratar de um campo mutável, os números adquiridos podem variar de acordo com a dinâmica atual das páginas que poderão perder e/ou ganhar números de seguidores, curtidas e comentários.

compartilhamentos que puderam atingir receptores indiretos<sup>16</sup> ou involuntários, transformando a informação repassada em verdadeiro fórum de debates e abstração de novas concepções possíveis, adquirindo conhecimentos de sua própria prática, aprendendo a ler e interpretar o que os cerca, o que, na concepção de Gohn (2006), caracteriza-se enquanto um dos resultados da educação não formal (GOHN, 2006).

Diante de tais pressupostos, através do quantitativo de postagens de cada página (como indica no gráfico), foram examinadas em quais aspectos a tática Black Bloc recifense obteve maior tendência na construção das informações e quais assuntos despertaram maior interesse dos receptores através do processo de curtidas, comentários e compartilhamentos, como indica o esquema a seguir:

| <b>Páginas</b>          | <b>Curtidas</b>        | <b>Comentários</b>           | <b>Compartilhamentos</b> |
|-------------------------|------------------------|------------------------------|--------------------------|
| Black Bloc PE           | Convocação             | Registro urbano              | Identidade Black Bloc    |
| Black Bloc - Recife     | Resistência            | Resistência                  | Resistência              |
| Black bloc recife [sic] | Denúncia às Repressões | Conscientização à Democracia | Críticas à Mídia         |

Fonte: Elaboração das autoras

As três páginas analisadas apresentaram teores políticos semelhantes e muitas vezes repetitivos, porém distribuídos em proporções diferenciadas de acordo com as categorias em destaques na tabela. As críticas que circundavam os diversos problemas políticos da época e que fizeram parte das pautas da tática BB ganharam ênfase, seguindo uma linha de questionamentos acerca das ações políticas e suas reflexões no cotidiano da população.

Um dos meios que possibilitaram a interação da população bem como a participação dela nos protestos refere-se às postagens que incentivaram a mobilização e presença das pessoas nas ruas e no ciberespaço; entre os conteúdos mais procurados da página Black Bloc PE, as convocações para as mobilizações urbanas ganharam destaque.

As chamadas mais curtidas foram variadas - desde a conscientização para doações de sangue, passando pelos protestos do “Não vai ter copa!”, Movimento

<sup>16</sup> Pessoas que não seguem as páginas, mas que em algum momento se depararam com algum compartilhamento de amigos ou conhecidos e tiveram ciência da informação a ser levantada e participaram do processo de interação, seja opinando favorável ou contrária a ação.

Passe Livre (MPL) e Operação 7 de Setembro. Elas foram seguindo os registros urbanos, geralmente em formatos de fotos e relatos, adentrando na categoria mais comentada, servindo como debates e avaliações das ações da tática nas manifestações em questão. As postagens relacionadas à identidade Black Bloc que carregavam esclarecimentos sobre os reais objetivos da tática e das afirmativas de sua base anarquista ficaram entre as mais compartilhadas.

A página Black Bloc Recife assumiu uma característica como a mais procurada no quesito resistência, tornando-se unânime nas três categorias. Percebe-se, em suas publicações, o reforço na luta contra os símbolos do capitalismo, questionada não esporadicamente pela mídia tradicional e pouco compreendida pela população. Entre as publicações, foi bastante comum a vinculação de vídeos com cenas de ações diretas nas ruas e o confronto com policiais, o que rendeu muitos comentários na própria página de não simpatizantes da tática e que colocaram em dúvida a legitimidade de suas ações.

Sendo, incontestavelmente, a mais procurada nos assuntos relacionados à repressão policial, abertura da consciência democrática e críticas à mídia, as construções da página Black Bloc Recife [sic] foram mais diretas nas denúncias ao governo de Eduardo Campos, trazendo como uma das publicações mais curtidas o caso do Bruno Torres, militante do MPL, preso pela polícia Militar de Pernambuco em setembro de 2013. Nas postagens mais comentadas, buscou-se o incentivo à consciência crítica, levantando o debate do projeto ficha limpa, enfatizando a capacidade da população em produzir mudanças no âmbito político.

Quanto à organização dos conteúdos, as três páginas referenciaram em suas publicações as normas de atuação da tática e proteção daqueles que foram agredidos de alguma forma pela polícia. A organização interna da tática é feita de forma horizontalizada, sem liderança, com as decisões expostas de maneira coletiva (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.61). A estrutura não hierárquica, expressa pelos Black Blocs, possibilitou a conversação, troca de experiências e ideias entre os integrantes e não integrantes da tática, permitindo a transformação de várias pessoas em atores políticos que reconstróem suas ações (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.65).

As redes sociais, em especial o Facebook, veio contribuir na extensão da rua, um campo que possibilitou a população pernambucana conhecer, entender e até mesmo criar julgamentos sobre a tática Black Bloc e seus objetivos durante as jornadas da Operação 7 de Setembro. Pensando em adentrar diretamente na

concepção sociopolítica da tática Black Bloc, a partir de entrevistas foi possível perceber alguns significados dos sujeitos da pesquisa em relação à conjuntura política, base identitária, educação e ciberativismo.

De maneira não muito inesperada, as falas de três entrevistados que conseguimos contatar, adeptos da tática Black Bloc, remeteram a contextos e visões ideológicas bastante semelhantes e, na maioria dos casos, idênticas - talvez devido ao fato de que a tática reflita uma visão de mundo de característica própria e com base bastante forte nos ideais anarquistas.

Descontentamento, sentimento de revolta e busca pelo resgate da dignidade humana, violentada por ação ou omissão do estado, como aborda Maior (2013), refletem apenas alguns dos motivos que levaram não apenas os Black Blocs, mas a população às ruas no ano de 2013 (MAIOR, 2013, p. 84).

As falas dos Black Blocs demonstraram uma motivação inicial que denota a esperança de mudanças sociais, construídas após a percepção, segundo eles, de um estado violento e de políticas públicas falhas, causa que lhes despertou o desejo e visão de uma oportunidade, dentro da tática, em dar respostas aos governantes através da busca pela conscientização da população.

Assim, eles apontaram um papel de fundamental importância no uso da internet como meio de mobilização na cidade do Recife, atribuindo sua eficácia à rapidez e promoção de longo alcance na organização de eventos e convocatórias nas jornadas da Operação 7 de Setembro, possibilitando o levante nas ruas com questionamentos e indignações num processo de trocas e diálogos, levando conhecimentos que, de acordo com suas percepções, não são adquiridos nos ambientes escolarizáveis.

A internet, neste caso, segundo um dos entrevistados do movimento, precedeu à rua, pois foi na rede que os debates foram levantados antes de seguir para as mobilizações urbanas, ressaltando, também, uma característica de via dupla à medida que se conseguia atingir a população trabalhando na desmistificação de pensamentos marginalizados e, igualmente, causando uma ação contrária, levantando os perigos das perseguições causadas pelo estado na busca por militantes e no confronto desigual com as notícias tendenciosas da mídia.

Denominada pelos militantes como “farsa para controlar a massa”, a mídia tradicional, segundo eles, serviu como forma de “deseducar” a população por propagar informações falaciosas e tendentes à ênfase nas práticas violentas

gratuitas, sem abrir espaço de explicação para as ideologias por trás dos atos. Nas palavras de um dos entrevistados:

... a mídia e seu papel de distorcer a realidade conseguiu manchar até mesmo a imagem do modelo de repressão do estado, já que Black Bloc não é vândalo e sem propósitos políticos, da mesma forma que nem todo policial abusou do poder nas manifestações do mês de setembro (ENTREVISTADO 2).

Assim, a concepção de violência, para os integrantes do movimento, está muito atrelada ao sentido simbólico e ao contexto institucionalizado característico do estado ao colocar em risco a vida do cidadão, tirando-lhe os direitos dos bens básicos de vida, pois, para um dos entrevistados: "... reagir à opressão deveria ser chamado de luta pelos direitos. Vandalismo é como um ato simbólico para exemplificar que bancos e multinacionais, por exemplo, não são tão importantes como eles gostariam que fossem" (ENTREVISTADO 1).

Quando indagados sobre o lugar da educação nas suas ações diretas, as falas dos três entrevistados foram bastante categóricas, afirmando que a tática é anarquista e seu sentido principal é o de revolta, mas que, ao entenderem que a educação é um ponto fundamental para o crescimento de uma sociedade, a troca de ideias nos ambientes deve ser horizontalizada e sem imposições: "Conversar sobre as lutas no dia a dia é tão importante quanto quebrar um patrimônio de gente corrupta" (ENTREVISTADO 3).

Para os mesmos, há uma complementaridade na relação escola e Movimentos Sociais, pois a revolução deve começar naquela enquanto instituição e, depois, explorar os muros além dela através dos movimentos, caminhando juntos - já que ambos proporcionam momentos de reflexões, indagações e respostas à medida que "A informação é tão importante quanto às barricadas" (ENTREVISTADO 2).

Embasados no discurso histórico de que sempre foi através da revolta que se conquistaram os direitos, levantaram duas concepções de política: a de "arte" de governar um estado por meio das hierarquias, como na atual conjuntura da sociedade; e a de modelo anarquista de política do devir, constituída para eles através de organização em rede e sem apelar para construções sociais piramidais.

A última concepção pode ser entendida enquanto sustentação da organização da tática na Operação 7 de Setembro tanto no ciberespaço, onde qualquer pessoa

pôde contribuir, opinar, incentivar e convocar, quanto nas intervenções diretas no campo urbano que, por não possuírem lideranças, cada membro teve autonomia em escolher a área de atuação que mais despertou sua identificação, caracterizando-se em uma organização horizontalizada realizada a partir do processo de afinidade entre os integrantes dos Black Blocs.

Na organização voluntária da tática, suas pautas foram criadas via Skype, todos à frente, sem líderes, e a ideia que se tinha era de um processo de constante avaliação e correção no momento da atuação direta.

Interrogados a respeito dos impactos da tática na cidade do Recife e em quais aspectos obtiveram resultados, mais uma vez foram categóricos ao afirmarem que a mudança dá-se de forma gradativa, portanto, não sendo de um dia para o outro, posto que defendem a ideia de que, para se chegar à criticidade, é preciso “trabalho de base”, sendo toda ação focada em levar as ideias e debates à população, como exemplifica a fala de um dos entrevistados:

A mudança não surge da noite para o dia, é preciso esforço e muito trabalho de conscientização. A repressão no Recife foi grande, o que reduziu o número de adeptos na capital, mas o fato de ter havido resistência em um determinado período, significa que um passo já foi dado (ENTREVISTADO 1).

Nesse aspecto, os Movimentos Sociais, segundo esses sujeitos, não trabalham com resultados instantâneos, tendo em vista que a experiência maior vem das reflexões que as ações conseguem proporcionar - sejam elas favoráveis ou não às intenções iniciais. Desse modo, para eles, a aprendizagem é um processo contínuo que se dá a partir da interação e diálogo entre os envolvidos e pessoas que estão ao redor, chegando ela, dessa maneira, a se aproximar da contribuição da educação não formal que, segundo Gohn (2006), favorece o sentimento de identidade e (re) construção da concepção de mundo sobre o mundo, por meio de uma consciência e organização do como agir em coletivos (GOHN, 2006).

## **5. Considerações Finais**

A partir das proposições apresentadas e fundamentadas na análise dos dados da pesquisa, conclui-se que os fatores que tornaram as manifestações das jornadas da Operação 7 de Setembro importantes e necessárias, segundo os populares participantes, estão bastante atrelados às motivações que levaram os sujeitos da

pesquisa a se unirem à tática Black Bloc. Tal fato pôde ser evidenciado no sentido de mudança, associada aos fatores que levam o povo às ruas, sobretudo, devido à percepção da insatisfação social referente a não prestação devida de serviços públicos aos cidadãos pelo estado.

Os participantes envolvidos na primeira etapa da pesquisa reconheceram os Movimentos Sociais envolvidos na OP7, enquanto agentes promotores de uma educação no sentido reflexivo. Por outro lado, a saída da zona de conforto, proporcionada pelos atos mais radicais da tática Black Bloc, causou incômodos, uma vez que a ideia que se tem é a de que nós, como cidadãos, necessitamos da ordem estabelecida pelas relações hierárquicas governamentais.

Nesse sentido, os fatores que os tornam legítimos podem ser explicados pela lógica social que possuem de estado enquanto controlador e mantenedor da ordem. O pensamento divergente dos populares em relação aos sujeitos atuantes no movimento pode ser explicado no contexto que atribuem a eles uma imagem violenta, na maioria das vezes, criada pelos estereótipos construídos pela mídia.

A OP7 foi editada com fins propositais pela TV, fazendo-a aparecer com pouca força, mas o número, mesmo que pequeno de manifestantes, na cidade do Recife conseguiu causar grande “transtorno”. Nas redes sociais, a movimentação foi intensa, porém, a rede televisiva noticiou apenas no dia seguinte o levantamento dos estragos causados e os vídeos sensacionalistas dos manifestantes enfrentando os policiais.

O uso do ciberespaço possibilitou uma maior participação dos Black Blocs na OP7 Recife, assim como no processo de convocar a população às ruas e constantemente trazer críticas a respeito dos descontentamentos sociais.

A teoria sozinha não dá conta do que, na prática, os Movimentos Sociais podem causar, da mesma forma que os movimentos não podem se dissociar de uma boa teoria e cultura política. O BB pode se encaixar no que diz ser esta práxis, utilizando-se do ciberespaço para propagar sua convicção política e praticando-a através de sua atuação no campo urbano.

Na fala dos entrevistados participantes do movimento ficou evidente que, sem antes passar por um processo educativo escolarizável articulado a um currículo libertador, não é possível haver um caráter educacional dentro da tática. Não levaram em conta, no entanto, que em um contexto de educação não formal, que

independe de bases curriculares, educação e política, não são duas vertentes separadas como muito se tenta fazer nas escolas. Nesse sentido, nossa hipótese de que muitos dos que militam não percebem a força político-pedagógica no ato de contestar socialmente, foi comprovada.

Sinalizamos, contudo, para uma organização da tática BB nas redes como processo pedagógico, pois houve planejamento – prática – avaliação, estando a avaliação presente em todas as etapas - não necessariamente sendo a última opção do processo -, atuante antes mesmo do planejamento para a próxima ação no campo urbano no sentido de os adeptos da tática fazerem críticas e levantamentos quanto aos erros e acertos das mobilizações passadas, o que torna o processo uma (re) construção de suas próprias atitudes enquanto manifestantes.

Diante disso, as práticas exercidas pelos Black Blocs no levantamento de questionamentos a respeito do papel e atuação do estado no contexto social, apesar de passíveis de críticas, caracterizaram-se para nós, até certo ponto, como educativas, pois conduzem o cidadão a (re) pensar a forma como está sendo gerida a política e sua posição neste processo. Portanto, a partir de tal perspectiva, essas práticas buscam explicitar e agregar ao sujeito noções de conscientização via demandas sociais e objetivos educacionais que no campo de uma educação não formal não são dados a priori, posto que construídos no caminho interativo (GOHN, 2010, p. 19).

## 6. Referenciais Teóricos

ANONYMOUSBRASIL. **Porque os anonymous usam máscaras?** 8 out. 2013. Disponível em: <<http://www.anonymousbrasil.com/nos-somos-legiao/anonymous-mascaras/>>. Acessado em: 20 abr. 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BUCKINGHAM, David. **Precisamos Realmente de Educação para os Meios?** In Comunicação & Educação, Ano XVII, n. 2, julho/dez. 2012, pg. 41-60.

CARREIRO, Rodrigo. **Black Bloc em ação**: reforço de identidade e outras dinâmicas de ativismo no Facebook. In Liinc em Revista. Rio de Janeiro, v.10,n.1,p.242-257, maio. 2014.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.



\_\_\_\_\_. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Redes de Indignação e Esperança - Movimentos Sociais na Era da Internet.** São Paulo: Zahar, 2013.

DUPUIS – DÉRI, Francis. **Black Blocs.** Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio:** o minidicionário da língua portuguesa. 6.ed. ver. atualizada. Curitiba: Posigraf, 2004.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o Educador Social.** São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **Educação não formal e Cultura Política:** impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **Manifestações de Junho de 2013 no Brasil e Praças dos Indignados no Mundo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JACOBI, Pedro. **Movimentos sociais e políticas públicas:** demandas por saneamento básico e saúde. São Paulo: Cortez, 1989.

LÉVY, Pierre; **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAIOR, Jorge Luiz Souto. **A vez do direito social e da discriminação dos movimentos sociais.** In: MARICATO, Ermínia. **Cidades rebeldes:** Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013. P. 83-88.

PASSOS, Nelson Almeida. **O Black Bloc e o Papel das Mídias Sociais nas Manifestações Brasileiras de 7 de Setembro de 2013.** Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Vila Velha – ES, maio, 2014.

Redação Vida Urbana. **Diário revela a "cartilha" do Black Bloc.** Diário de Pernambuco, Recife, 23 ago. 2013. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2013/08/23/interna\\_vidaurbana,457833/diario-revela-a-cartilha-do-black-bloc.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2013/08/23/interna_vidaurbana,457833/diario-revela-a-cartilha-do-black-bloc.shtml)>. Acessado em: 26 abr. 2015.

RIBEIRO, Marlene. **Educação para a cidadania:** questão colocada pelos movimentos sociais. In Educação e Pesquisa. São Paulo, v.28, n.2, p.113-128, jul/dez. 2002.

WOODCOCK, George. **História das idéias e movimentos anarquistas.** Porto Alegre: L&PM, 2014.